

AMAZONIZAR A IGREJA A PARTIR DA ECLESIOLOGIA DO SÍNODO PARA A AMAZÔNIA

*Dr. Pe. Ricardo Gonçalves Castro**

Resumo: O artigo tem como objetivo apontar, à luz do caminho sinodal da Igreja na Amazônia, alguns aspectos relevantes para a eclesiologia aplicada à vida pastoral das igrejas locais. Para este fim foi usada uma metodologia bibliográfica com análise de textos oficiais do Magistério, relacionando com os aspectos históricos, culturais e ecológicos da Amazônia nestas últimas décadas. A correlação de aspectos da realidade, com os textos sinodais, resultou tanto no aprofundamento da missão da igreja local, assim como na busca de princípios pastorais concretos para uma vivência sinodal e ecológica integral nas realidades em que a Igreja se torna anúncio, denúncia e imaginação profética de novos céus e nova terra. Os aspectos mais importantes desta reflexão, foi perceber para o hoje da igreja nas realidades locais a relevância da sinodalidade e da ecologia integral.

Palavras-chave: Sínodo. Amazônia. Eclesiologia. Ecologia integral.

Introdução

Ao longo da história da Igreja, segundo Avery Dulles (1978), foram construídos diversos modelos de vivência eclesial com sua imediata implementação na vida eclesial paroquial local. De fato, o próprio nome “paróquia” é proveniente de um tempo e de um modelo de Igreja.

Na Ameríndia e no Brasil, com os documentos de Aparecida e da CNBB, fomos forjando um modelo de Igreja de comunhão e participação, comunidade de comunidades, fundada sobre a perspectiva de Igreja povo de Deus, Igreja

* Presbítero da arquidiocese de Manaus. Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro. Doutor em Teologia das Religiões pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção de São Paulo. Professor da Faculdade Salesiana Dom Bosco. Diretor do Itapes - Manaus.

ministerial. O pastoreio universal do bispo de Roma, o Papa Francisco, unindo a opção pelos pobres e o discernimento dos sinais dos tempos, nos convida a vivenciar uma “Igreja em saída”, sinodal, uma Igreja das periferias existenciais do mundo.

A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva (EG 24).

O Sínodo para a Amazônia, é como ápice de um processo eclesial vivido ao longo da história da igreja na Ameríndia desde os primórdios da colonização até os sonhos de um papa do fim do mundo que desafia a práxis eclesial para a construção de um projeto que encarne o Rosto do Cristo Sofredor no imenso bioma amazônico. Para levantar alguns pressupostos para amazonizar a vivência comunitária eclesial, acolhendo os princípios universalizantes do Sínodo para as Igrejas, precisamos primeiramente refletir sobre os aspectos históricos da fé cristã no contexto amazônico. Os seguintes passos de nossa reflexão aprofundam dois aspectos da ecoteologia amazônica, a natureza e seus apelos e os processos históricos vividos principalmente pelos povos subalternos na Amazônia. Na última parte desta meditação, pretende-se delinear teórica e na práxis aspectos de uma eclesiologia que brota do Sínodo para/com a Amazônia como encarnação na universalidade das igrejas locais.

1 A consciência histórica para uma Ecclesiologia Amazônica

A consciência de uma Igreja Amazônica é pontuada por marcos históricos importantes da caminhada eclesial da Ameríndia e do Brasil. A identidade eclesial do Continente nasce com o Vaticano II e na sua imersão na realidade pela Conferência de Medellín. As ondas de transformações e renovação da vida eclesial só chegam na Amazônia com o Encontro de Santarém em 1972 que define, de uma vez, o grande projeto de evangelização sintetizado na temática “Igreja com rosto amazônico”. Para expressar o rosto amazônico no anúncio do Evangelho de Jesus, a Igreja adota dois aspectos fundamentais: 1. Encarnação na realidade e 2. Evangelização libertadora. Estas características se inserem nas diversas formas de serviço pastoral: pastoral indígena, urbana, ribeirinha, formação do laicato, comunidades e juventudes.

A partir dos anos 70, a Igreja passou a tomar consciência de que seu papel não deveria ser apenas o de amortecedora dos conflitos que assolavam a região, mas deveria ser uma voz profética a denunciar os desmandos oficiais ou particulares que se multiplicaram. Foi em dois grandes momentos eclesiológicos que a Igreja amazônica se expressou de forma contundente diante dos desafios: O primeiro grande momento foi a assembléia dos dois Regionais amazônicos em SANTARÉM (1972), pois foi ali que apareceu sua expressão máxima: “uma Igreja com rosto amazônico”. Aliás, foi nesta assembléia que os bispos da Amazônia ouviram do papa Paulo VI a significativa expressão: CRISTO APONTA PARA A AMAZÔNIA¹.

Ao assumir o projeto de Aparecida, a Igreja na Amazônia se torna discípula e missionária, assumindo a formação de seus pastores e ministros e enviando-os em missão ao mundo. Com

1 Cecília TADA; Raimundo Possidônio C. MATA (Org.), *Amazônia - Desafios e Perspectivas para a Missão*, p.27.

a encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco e o anúncio do Sínodo para a Amazônia, a Igreja acolhe o desafio de compreender e assumir em todas as dimensões da vida eclesial a perspectiva da ecologia integral, como resposta aos grandes problemas que afetam as comunidades cristãs.

A consciência histórica da realidade eclesial é fator fundamental para o processo de encarnação do Evangelho como resposta aos desafios atuais. Adquirir consciência histórica é parte parcela importante na tarefa de contextualizar a evangelização local. O termo contextualizar apela para a nossa reflexão, sobre como pisar no chão da história local. Numa percepção antropológica, “contextualizar” significa retorno a nossa humanidade comum, principalmente na nossa relação com mãe terra. A humanidade são todos os seres humanos, mas, ao mesmo tempo, compreender-se como humano é se identificar com uma realidade local, com um contexto e uma cultura. Nossa condição humana se compreende primeiramente situando-a no universo, na terra, na criação e não na separação².

Deste modo, saber quem somos é inseparável de saber em que realidade terrena nós vivemos, de onde viemos e para onde vamos. Na Amazônia os povos tradicionais, indígenas e ribeirinhos compreendem a sua natureza humana contemplando as florestas, os animais e plantas. É delas que se compreendem os dinamismos da vida interna e das inter-relações dos seres humanos entre si e com a natureza.

Para os povos indígenas da Amazônia, o **bem viver** existe quando estão em comunhão com as outras pessoas, com o mundo, com os seres de seu entorno e com o Criador. Os povos indígenas, realmente, vivem no interior da casa que Deus mesmo criou e lhes deu como presente: a Terra. Suas diversas espiritualidades e crenças os motivam a viver uma comunhão com a terra, a água, as árvores, os animais, com o dia e a noite. Os anciãos sábios, segundo as diferentes culturas chamados *pajé*, *curandeiro*, *mestre*,

2 Edgar MORIN, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p.51.

wayanga ou *xamã* – entre outros – promovem a harmonia das pessoas entre si e com o cosmo. Todos eles são “memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum” (Fr.PM)³.

Contextualizar no sentido teológico, ou seja, fazer teologia, significa tecer um diálogo constante com os povos e culturas locais (realidade local) que é sujeito tanto da cultura como da transformação cultural, como o Evangelho e a tradição Magisterial. Nesta metodologia de contextualização o mais importante é a práxis do diálogo – Ver e Escutar a comunidade local, para conhecer não somente suas histórias e interpretações de sua própria realidade, mas, principalmente para perceber até que ponto sabe do valor e da profundidade de sua própria consciência do mundo em que habitam. Concretamente, a contextualização na preparação Sinodal foi a de procurar compreender as grandes questões Amazônicas relacionando com o processo histórico transcorrido a partir da colonização, que nas etapas percorridas, resulta na realidade vivida na atualidade.

A consciência histórica na primeira etapa, nos ajuda a compreender a força colonizadora aqui instaurada, tanto como estrutura política, como religiosa. A colonização se torna uma mentalidade trazida pelo colonizador europeu que se insere na compreensão da Amazônia, como território de riquezas naturais que precisam ser exploradas e dominadas. Ainda hoje se pensa que se pode usar de modo indiscriminado os bens da Amazônia sem pensar no limite de seus recursos em relação às gerações futuras e a vida do planeta. Frente a um processo galopante de destruição da floresta e da poluição dos rios, somada com as grandes problemáticas ecológicas mundiais, a Amazônia parece carecer de modo imediato do resgate de uma percepção mais

3 REPAM, *Documento Preparatório “Amazônia Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”*, p.20.

abrangente de sua ecologia e de políticas adequadas que tenha como base a relação vital existente entre seres humanos, terras, rios e florestas.

O povo que se organiza em comunidades cristãs, movimentos sociais e pastorais, nas várias realidades locais, se torna cada vez mais consciente de sua sabedoria, de seus saberes locais. Tornar a comunidade local sujeito e protagonista da evangelização, é ajudá-la a assumir o direito de pensar, de celebrar, de elaborar saberes teológicos a partir do cotidiano e usar da maneira adequada de seus próprios saberes, acumulados durante séculos, elaborando sua própria Mistagogia, seu modo de se inserir no Mistério da Natureza e de Deus e vivenciar relações sociais reinocêntricas. Neste sentido é o povo de Deus que possui um lugar proeminente na reflexão, compreensão e vivência da fé cristã a partir de um contexto particular. Nesta vivência particular da fé, os ministros ordenados descobrem seu papel, deixando falar quem foi emudecido pela história, descobrindo as alternativas inclusivas principalmente para aqueles e aquelas em que a vida está mais ameaçada, violada e oprimida (QA 9). Vale nos perguntar até que ponto estamos assumindo no presente, ou assumiremos no futuro, essas atitudes frente aos apelos que escutamos, ao adentrarmos no chão de nossas comunidades locais.

2 Os apelos da terra, natureza amazônica a vivência eclesial

Quem chega as grandes metrópoles da Amazônia pela primeira vez, seja pelas grandes vias terrestres, fluviais ou aéreas, se depara de imediato com duas realidades dicotômicas: a exuberante grandeza de florestas e rios e a devastação galopante da biodiversidade desta região. Tudo isso parece ser simbólico do processo de degradação humana dentro dos contextos sociais, principalmente no âmbito urbano. A morte da floresta e dos rios é também a morte de seus povos e decadência de nossa

condição humana. Ao escutarmos, portanto, os clamores da terra amazônica, escutamos, ao mesmo tempo, o destino da humanidade em perigo. Existe uma relação intrínseca entre humanidade e natureza, no grito da terra estão os gritos dos pobres (Rm 8,22-23). Ambos os gritos são resultado de um processo de intervenção que está deteriorando o equilíbrio dos ecossistemas. O modelo econômico de desenvolvimento, por mais que seja descrito como sustentável, tem como base uma visão da natureza materialista e economicista, para ser transformada em objeto de consumo e lucro para o grande capital estrangeiro. Na realização desta meta, se ameaça com uma violência sistemática os ecossistemas da terra e os pobres excluídos desse sistema.

A escuta destes clamores exige de cada aspecto da realidade histórico-social uma resposta. A Igreja local e universal quer escutar os clamores da Amazônia para reler sua fé e missão a partir de uma ecologia não somente como cuidado com o mundo natural, mas também como cuidado com a ecologia das relações eclesiais, sociais, políticas e econômicas. A terra precisa ser cultivada assim como é descrita no relato da criação, mas cultivar também significa cultuar e cuidar, ou seja, resgatar a relação vital existente entre ser humano e natureza, e, da natureza com Deus. O mundo é criação de Deus e o ser humano é criado da terra. Terra e ser humano são um só e expressões do amor de Deus. Para a fé cristã inserida na Amazônia, cultuar e cuidar da terra é compreendê-la como expressão primeira da inteligência artística do Criador, é contemplar sua presença harmônica na criação. Deus é também o Deus da terra e não somente dos seres humanos. Mas o projeto de Deus terá como meta os “novos céus e nova terra”, a nova humanidade renovada em Cristo, será morada de Deus, casa da humanidade⁴.

4 Adolphe GESCHÉ, *O Cosmo*, p.31.

E, nos dias de hoje, a Igreja não pode estar menos comprometida, chamada como está a ouvir os clamores dos povos amazônicos, «para poder exercer com transparência o seu papel profético». Entretanto como não podemos negar que o joio se misturou com o trigo, pois os missionários nem sempre estiveram do lado dos oprimidos, deploro-o e mais uma vez «peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria Igreja, mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América» e pelos crimes atrozes que se seguiram ao longo de toda a história da Amazônia. Aos membros dos povos nativos, agradeço e digo novamente que, «com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência (...). Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum» (QA 19).

Na luta pela vida na Amazônia, a Igreja – Corpo de Cristo que se faz carne nesta realidade, juntamente com uma rede de Igrejas, movimentos e organizações sociais, teremos que combinar denúncia sistemática ao modelo de desenvolvimento econômico da região e ao mesmo tempo apontar (anunciar) para as vias de vivência e convivência digna das populações que aqui vivem. Essas exigências se fazem necessárias devido a vários fatores presente de modo diversificado em cada área da Amazônia. Podemos citar alguns desses fatores como o uso excessivo de agrotóxicos usado para adequar as monoculturas e alavancar a produção principalmente da soja que contamina rios e igarapés, as queimadas das florestas, os processos migratórios desencadeados pela grilagem, o agronegócio, a biopirataria, os mega projetos energéticos que destroem a vida e desequilibram os ecossistemas.

3 Os apelos da história – descolonizar o colonizado

A colonização como fato ocorrido em todo o território Ameríndio se processa tendo como base duas concepções: a primeira ligada a uma visão do mundo natural que precisa ser explorado e submetido ao poderio colonial e a segunda ligada a um modo de ver os indígenas como inferiores. Esta visão se desenvolve e ainda se encontra presente no imaginário

nacional, devido as diferenças culturais e religiosas dos indígenas em relação à cultura religiosa dos europeus que aqui estavam chegando. Afirmada estas bases, o aparelho colonizador se põe em marcha pisoteando povos, culturas e devastando a natureza, legitimado pelo sistema religioso.

Para perceber os apelos históricos da Amazônia e da história da humanidade, neste momento particular, para melhor definir nossa ação missionária evangelizadora é necessário descolonizar a nossa perspectiva eclesial (olhos e coração); nas palavras do Papa Francisco, conversão ecológica e cultural; nas palavras do Sínodo, vislumbrar uma nova realidade – sonhar. A primeira colonização da natureza amazônica, significou invasão de terras, escravidão dos povos nativos e genocídios. Frente aos resultados devastadores ainda hoje em andamento, pergunta-se pelas razões que motivaram e justificaram um processo colonizador tão brutal, ocorrido em todas as regiões aonde a colonização chega de modo particular na Amazônia (natureza e povos) e em toda a Ameríndia. Tal empreendimento possui um conjunto de razões, elaboradas a partir de um centro controlador que envolveu também a Igreja para executar tal projeto.

3.1 Dessacralização da natureza

Estamos no desabrochar do pensamento moderno científico onde cada vez mais se desenvolve o processo de destituição da natureza de seu caráter divino. Sem cair numa concepção antirreligiosa da natureza, o aparelho colonizador se fundamenta teologicamente na ideia de que o mundo criado é a grande obra de Deus que encarrega ao ser humano de dominá-la e submetê-la. A natureza está à disposição do ser humano para ser usada do modo que lhe for conveniente⁵.

5 Berta K. BECKER, Organização e conflitos na sociedade civil da Amazônia. In: Cecília TADA; Raimundo Possidônio C. MATA (Org.), *Amazônia - Desafios e Perspectivas para a Missão*, p.83-108.

O pensamento colonizador que chegou na Amazônia, era proveniente das cortes e metrópoles europeia caracterizada pelo processo de urbanização, compreendida como modificação do mundo natural transformado pela mão humana como casa. A casa humana não é mais de natureza agrícola, coletora de sua generosidade (cósmica), mas de natureza urbana (produção e consumo). A natureza é coisificada, se torna objeto de domínio e de posse. Como pura materialidade a criação é matéria bruta para ser transformada em benefício principalmente para os moradores urbanos (os centros metropolitanos). Os efeitos deste distanciamento estão sendo colhidos hoje nos centros urbanos. Outro elemento importante é a mercantilização da natureza que se torna objeto de compra e venda. A terra (oikos) deixa de ser concebida como comunidade criadora que gera vida para uma infinidade de criaturas, e se torna a posse de quem possui poder bélico ou econômico.

O domínio da natureza, no processo colonizador na Ameríndia, também se dá pela busca do conhecimento do mundo natural, assim como da apropriação da sabedoria milenar dos povos indígenas. O colonizador para se afirmar como dominador da criação precisa conhecer o mundo criado através da pesquisa científica. A autocompreensão humana não ocorre pela inserção no mundo criado, mas pelo distanciamento e afirmando sua distinção deste mundo. A dinâmica colonizadora se implanta no novo mundo e se perpetua até o presente da história desta região. Ainda hoje se pensa a Amazônia como exploração e povoamento com fins de transferência de material bruto para as grandes metrópoles industriais, num processo crescente de enriquecimento das elites do centro e empobrecimento das periferias e das populações rurais.

A Amazônia é um todo plurinacional interligado, um grande bioma partilhado por nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. Todavia dirijo esta Exortação ao mundo inteiro. Faço-o, por um lado, para ajudar a despertar a estima e solicitude por esta terra, que também é «nossa», convidando-o a admirá-la e reconhecê-la como um mistério sagrado; e, por outro, porque a atenção da Igreja às problemáticas deste território obriga-nos a retomar brevemente algumas questões que não devemos esquecer e que podem servir de inspiração para outras regiões da terra enfrentarem os seus próprios desafios (QA 5).

Em comparação com a racionalidade dos povos das terras amazônicas que possui uma raiz agrária, a natureza é sentida como matriz, útero de vida com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da oikos. A racionalidade científica de conhecimento da natureza não tem como finalidade afirmar a superioridade e o domínio humano sobre o mundo criado. Ao contrário, conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres.

Só poderemos escutar os apelos que brotam da história na Amazônia e na Ameríndia, na medida em que estivermos disponíveis a aprender a resistência encarnada em seus povos e na sua dinâmica cósmica, ao mesmo tempo em que se busca nas tradições culturais, religiosas e comunitárias o que não foi totalmente desfigurado e destruído pela dominação colonizadora. Resistência como característica da missão na Amazônia significa contribuir para eliminação de tudo que nos leva a perpetuar a mecânica avassaladora do império que hoje chega nesta realidade com nomes de “desenvolvimento sustentável”, monoculturas, migrações forçadas, pólos industriais e outros.

4 Amazonizar a Igreja, a encarnação de Cristo nas igrejas locais

A Igreja é chamada a caminhar com os povos da Amazônia. Na América Latina, esta caminhada teve expressões privilegiadas, como a Conferência dos Bispos em Medellín (1968) e a sua aplicação à Amazônia em Santarém (1972); e, depois, em Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). O caminho continua e o trabalho missionário, se quiser desenvolver uma Igreja com rosto amazônico, precisa de crescer numa cultura do encontro rumo a uma «harmonia pluriforme». Mas, para tornar possível esta encarnação da Igreja e do Evangelho, deve ressoar incessantemente o grande anúncio missionário (QA 61).

A Igreja da Amazônia e na Ameríndia tem sido primorosa nos modos como de maneira original, criativa, foi inculturando o Evangelho, nos rios e nas florestas, nas longas distâncias das comunidades e nos centros urbanos. A evangelização encarnada na vida de seus povos, não é resultado de técnicas e estratégias de proselitismo religioso, mas se tornou concretamente uma resposta ao kairós que impele o povo de Deus a acolher seu Reino nessas bio-sociodiversidades.

A Igreja se fez carne, montando sua tenda – seu “tapiri” – na Amazônia. Confirma-se assim um caminhar que teve início com o Concílio Vaticano II para a Igreja inteira, que encontrou seu reconhecimento no Magistério latino-americano a partir de Medellín (1968) e que para a Amazônia se concretizou em Santarém (1972). A partir de então, a Igreja continua a tarefa de inculturar a Boa Nova, frente aos desafios do território e de seus povos, mediante um diálogo intercultural. A diversidade original que oferece a região amazônica – biológica, religiosa e cultural – evoca um novo Pentecostes” (n.30). O grande desafio para as igrejas locais é repensar, recriar, com a luz do Espírito da Vida, as estruturas eclesiais, superando as formas eclesiais colonizadoras, ultrapassadas que adquirimos ao longo dos

séculos, e que não respondem aos apelos da história de hoje. A Igreja local precisa incluir em seus projetos de Evangelização a territorialidade – a vida que brota de nosso chão, de nossa comunidade, a valorização da floresta e de seus habitantes. Aprender a exercer cidadania ecológica, promovendo as mudanças necessárias nas estruturas sociais e econômicas, a fim de que o desenvolvimento da cidade e do campo não represente uma ameaça a vida.

5 A Igreja e a opção pelos pobres da terra

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida (QA 7).

Na perspectiva teológica Deus nos chama a justiça e ao direito dos pobres, principalmente na perspectiva dos profetas e do Reino de Deus. Basicamente se refere aos relacionamentos corretos de justiça e igualdade na comunidade e na sociedade. A justiça e o direito à vida é um aprofundamento e consequência de nosso amor ao próximo, principalmente na dinâmica da parábola do Bom Samaritano – viu, sentiu compaixão e agiu. Mas é fundamentalmente uma preocupação com o Bem comum – oikonomia.

E, nos dias de hoje, a Igreja não pode estar menos comprometida, chamada como está a ouvir os clamores dos povos amazônicos, «para poder exercer com transparência o seu papel profético». Entretanto como não podemos negar que o joio se misturou com o trigo, pois os missionários nem sempre estiveram do lado dos oprimidos, deploro-o e mais uma vez «peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria Igreja, mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América» e pelos crimes atrozes que se seguiram ao longo de toda a história da Amazônia. Aos membros dos povos nativos, agradeço

e digo novamente que, «com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência (...). Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum» (QA 19).

As estruturas sociais e principalmente seu modo de organizar a sociedade (política), são elaboradas e constituídas com uma preocupação primeira com os mais pobres da terra, com respeito às suas necessidades e direitos fundamentais. Na perspectiva do Bem-viver dos povos Ameríndios busca-se alcançar uma harmonia relativa entre os humanos (superação da violência) e sustentabilidade com a natureza. Leis e instituições devem promover uma sociedade onde todos possam viver na comunidade de vida como um todo, disponibilizando recursos suficientes para uma vida relativamente satisfatória.

A justiça e o direito se dão na participação de todos, tanto como cidadãos e cidadãs, como líderes sociais e políticos. Contudo, não haverá cidadania participativa sem o suficiente necessário para todos e a sustentabilidade ecológica (eco-justiça). Direito e justiça só se tornarão possíveis com uma economia solidária e processos educativos para este fim, que nos liberte do consumismo doentio e da competitividade selvagem.

O chamado à liberdade do Espírito passa pela escuta da Palavra e pela abertura do coração à graça do Cristo que nos vem dos sacramentos vividos em comunidade, com o desejo de coerência de vida pessoal, social e ecológica. Enfrentar a conversão ecológica do pecado destruidor da vida, é o grande desafio atual para a vida cristã. As igrejas devem ser capazes de tornar a solidariedade das relações humanas e ecológicas, norma básica para a vivência do Evangelho na comunidade. O Bem Viver depende do cuidado e da harmonia das ecologias humanas e naturais e da integridade dos processos de sustentabilidade que Deus ordenou na sua criação⁶.

6 Ricardo G. CASTRO, *Ecoética Amazônica: O Bem-Viver e o Princípio Responsabilidade* de Hans Jonas, p.30-31.

6 A Igreja e a valorização da cultura ecológica e religiosa local

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana (QA 7).

No contexto Pan-Amazônico estamos em um momento de transição de uma compreensão essencialista e universal de cultura, para adentrar na interação cultural e suas interdependências na luta pela vida. Outro aspecto importante é apontar para a ecologia como aspecto fundamental da elaboração dos sistemas culturais. Como esses aspectos estão presentes no contexto da Ameríndia e da Amazônia? Aqui nasce o desafio da interculturalidade ecológica na Amazônia. Quais as implicações eclesiológicas para a catolicidade cristã?

Para abraçar a interculturalidade ecológica como uma das vias para o futuro da vida no planeta, precisamos como povos do sul do mundo, dar um passo atrás. Não é um retorno ao passado, mas um passo de fora da caixa, dos limites absolutizados, visualizar o mundo a partir da poética, dos rituais, simbólicas e mitos fundantes de humanidade cósmica. Tal atitude nos leva a uma consciência e confiança ativas para forjar novos modos de viver e interagir na dinâmica da Gaia. Para adotar a interculturalidade ecológica em nossas vivências e interações sociais, necessitamos descolonizar nossos corpos e nossas mentes. No entanto, interculturalidade na dinâmica descolonial, não significa abandonar os etnoconhecimentos, ontologias próprias que são fundamentais para uma compreensão e organização dos povos. Esta exige um saber falar, um saber escutar, aprender juntos. Tecer conhecimentos e práticas de vida como resposta às grandes ameaças da destruição planetária. Descolonizar a diversidade cultural para assumir uma atitude intercultural, se distancia da perspectiva antagônica das

binaridades coloniais e patriarcais: civilizados/não civilizados, negros/brancos, crentes/pagãos, macho/fêmea. Descolonizar esses dualismos é assumir a diversidade como promotora de vida plena que vai modificando modos de pensar e agir.

Os grupos humanos, seus estilos de vida e cosmovisões são tão variados como o território, pois tiveram que se adaptar à geografia e aos seus recursos. Não são iguais as aldeias de pescadores às de caçadores, nem as aldeias de agricultores do interior às dos cultivadores de terras sujeitas a inundações. Além disso, na Amazônia, encontram-se milhares de comunidades de indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos e habitantes das cidades que, por sua vez, são muito diferentes entre si e abrigam uma grande diversidade humana. Deus manifesta-Se, reflete algo da sua beleza inesgotável através dum território e das suas características, pelo que os diferentes grupos, numa síntese vital com o ambiente circundante, desenvolvem uma forma peculiar de sabedoria. Quantos de nós observamos de fora deveríamos evitar generalizações injustas, discursos simplistas ou conclusões elaboradas apenas a partir das nossas próprias estruturas mentais e experiências (QA 32).

Descolonizar para interculturalizar nos leva de volta à perspectiva de Freire quando discute o deslocamento do sujeito opressor que na perspectiva colonizadora se imagina um solitário receptáculo de conhecimentos generalizados e específicos, alheio às experiências e saberes dos outros. O ato de educar-se, na interculturalidade, nos conduz a um estado de solidariedade e com-paixão com os outros. Isto não significa simplesmente se colocar no lugar do outro que pode gerar paternalismos opressores. A solidariedade intercultural é diálogo comprometedor entre aqueles que contemplam a realidade de modo diferenciado, é reconhecimento e confronto de nossas carências, limitações e incertezas.

Na Amazônia, mesmo entre os distintos povos nativos, é possível desenvolver «relações interculturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre os outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança» (QA 38).

A interculturalidade em perspectiva ecoteológica, reconhece que parte de nosso conhecimento tanto científico, como teológico, emana da natureza, é expressão da próprio Espírito criativo que paira e dinamiza o cosmo. Deste modo, a interculturalidade ecológica, ecosófica e ecoteológica, não se restringe às ecoculturas humanas. O dinamismo intercultural ecológico e descolonial, pode também incluir os seres vivos e os inanimados, não humanos. Isto significa incluir as florestas, os rios, os animais, os fenômenos naturais de modo geral. A interculturalidade descolonial nos coloca em uma atitude de contemplação e escuta também do mundo criado, como um ser que emana da bondade de Deus, para perceber sua complexa interação que aponta para o mistério, os conhecimentos, criatividade e imaginação ainda não completamente desvendados. Os sistemas indígenas impregnados de aspectos espirituais da criação, são os que melhor se aproximam desta abordagem do mundo criador. Essa perspectiva pode fundar um novo modo de coexistência das diferentes expressões de vida da mãe terra, cada um com sua cultura que se complementam e são geradoras de vida.

Os saberes dos povos amazônicos possuem uma raiz agrária, a natureza é sentida como matriz, útero de vida com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da oikos. Conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do

cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres. “Assim, a subsistência, os roçados não são apenas fonte de alimento ou de prestígio, mas é parte de uma realidade que é, ao mesmo tempo, material e espiritual”⁷.

7 A Igreja da ecologia integral

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas (QA 7).

A vida, nesta tenda biocosmoespíritual, foi o tema central do pré-sínodo, do Sínodo e da Exortação “Querida Amazônia”, “a vida do território amazônico e de seus povos, a vida da Igreja, a vida do planeta” (IL 8). Nestas várias etapas uma perspectiva ecoeclesial foi fundamental para entender a missão evangelizadora da Igreja na Ameríndia Amazônica e no mundo. Um tema chave para o profundamente bíblico-teológico é a Vida: Deus é útero de vida, Jesus veio para nos dar vida em plenitude (Jo 10,10), o Espírito Santo é vivificador, Senhor e doador da vida.

Na perspectiva missiológica, a Igreja nos nossos tempos de adoecimento da vida humana e do planeta, precisa cada vez entender sua missão como integral. O “integral” da ecologia inclui a vida do planeta, a vida humana bio-cósmica, cultural, espiritual, econômica e política dos povos, a vida em plenitude **das comunidades eclesiais da Amazônia e do mundo**. É a vida humana começando pelo mais elementar e material (*bios*) e é a vida plena, salvífica, divina que nos comunica o Espírito do Senhor ressuscitado (*zoe*) (IL 11). A missão da Igreja é anunciar e defender a vida em sua integralidade e denunciar e lutar contra todas as ameaças de morte, principalmente as estruturas de morte, que geram o pecado ecológico – contra a vida.

7 Ricardo G. CASTRO, *Ecoética Amazônica*, p.27.

Para amazonizar a Igreja tanto na Ameríndia como no mundo, queremos sugerir alguns aspectos e elementos concretos para ser implementados na vida pastoral, na educação bíblico-catequética da iniciação cristã e no aggiornamento necessário da Igreja nesse momento da história:

1. Que a renovação pastoral da Igreja local passe de uma perspectiva “hierarquia-laicato” para a vivência da comunidade – Igreja ministerial, povo de Deus, Casa Comum;
2. Podemos nos educar no uso de alimentos: reduzir os produtos de origem animal em nossa dieta é talvez o passo mais importante que podemos dar; podemos praticar a conservação de energia: menos luz, menos ar-condicionado, ferro elétrico; Nós podemos plantar árvores; podemos mudar nossos hábitos de locomoção e transporte; Nós podemos influenciar os nossos governantes para políticas mais ecológicas; podemos aprofundar uma eco-espiritualidade; podemos participar da reciclagem; podemos ser voluntários em programas de limpeza locais; podemos participar de grupos ambientais; Como agentes de pastorais e membros da igreja, podemos assumir um papel de liderança para ajudar os outros a fazer o mesmo; Avaliar nossos próprios estilos de vida, nossos desejos, nossos objetivos e nossos relacionamentos com a criação. Podemos ajudar os outros a refletir sobre o que é mais importante em suas próprias vidas: o que eles realmente valorizam?
3. Criar ministérios tipicamente indígenas, ribeirinhos, quilombolas e urbanos, de homens e mulheres, num fecundo diálogo entre o Evangelho e as culturas, em vista da missão, da evangelização e da pastoral nas comunidades;
4. Estar sempre atentos às atitudes eclesiais e pastorais que possam ser anti-ecológicas: o patriarcalismo quando as perspectivas e valores tipicamente masculinos são preferidos na Igreja. As mulheres e a criação são ignoradas como se a

experiência delas não tivesse nenhuma consequência para a reflexão teológica. A reflexão teológica quase exclusivamente se baseia na experiência masculina, onde a terra é subjugada pela ganância humana.

5. Cuidar dos antropocentrismos colonizadores que subjugam e dominam a terra e os pobres, passando para uma compreensão do cuidado, da cooperação, da interligação entre todas as coisas.
6. Renovar uma concepção cristológica mais ecológica: a missão de Jesus foi direcionada para pessoas predominantemente comuns. Ele ensinou os que trabalhavam nas terras agrícolas e alimentava os famintos. O povo pescador foi quem ele chamou para ser seu discípulo. Os pobres e os excluídos, gentios, doentes, leprosos, viúvas, prostitutas, cobradores de impostos estavam no âmbito de sua missão. Enquanto ele condenava os ricos, os donos das propriedades, os fariseus, os saduceus e os líderes religiosos, ele era compassivo com as mulheres, crianças e gentios. A visão de Jesus incluía uma sociedade inclusiva onde nenhuma é marginalizada com base na cor, credo ou gênero. Ele imaginava uma sociedade caracterizada por pertencimento e sentimento comunitário.
7. Comemorar um dia ou tempo litúrgico dedicado à ecologia integral (por exemplo, Tempo da Criação, Domingo da Ecologia Integral); realizar círculos bíblicos, leitura orante e catequese sobre a ecologia integral; trabalhar atividades com crianças sobre temas da ecologia integral; cultivar uma horta comunitária; Criar medidas políticas para conservar a biodiversidade da região; convocar eventos públicos sobre um temas relacionados a ecologia integral; trabalhar projetos ecológicos na comunidade local; colaborar com grupos e movimentos ecológicos; manter contato com um membros eleitos democraticamente sobre questões ecológicas locais.

Considerações Finais

Os tempos sinodais inaugurados de maneira particular por Francisco, nos ajudam a sintonizar a vocação cristã de discípulos e discípulas, missionários e missionárias, com os desafios da ecologia integral. Esta passa a ser um aspecto importante no modo como evangelizamos hoje. Sinodalidade e Ecologia Integral foi a marca do Sínodo para a Amazônia. Os apelos dos povos da Amazônia e o grito da terra, se tornaram chave hermenêutica para interpretar os sinais dos tempos e as transformações que o Espírito fala para as Igrejas ao redor do mundo. Amazonizar passa a ser o grande desafio da Igreja na Ameríndia e no mundo. Traduzir esse verbo a partir dos documentos preparatórios, *Instrumentum Laboris e Exortação Querida Amazônia*, em novas estruturas eclesiais, comunidades do Bem-Viver e do Evangelho da Vida, se torna o grande desafio eclesial de nosso tempo.

Referências Bibliográficas

- DULLES, Avery. *A Igreja e seus modelos*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- BECKER, Berta K. Organização e conflitos na sociedade civil da Amazônia. In: TADA, Cecília; MATA, Raimundo Possidônio C. (Org.). *Amazônia - Desafios e Perspectivas para a Missão*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.83-108.
- CASTRO, Ricardo G., *Ecoética Amazônica: O Bem-Viver e o Princípio Responsabilidade de Hans Jonas*. Curitiba: CRV, 2019.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica Evangelii Gaudium
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html
- FRANCISCO, Papa, Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia, (http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html), Acessada 29/03/2020.
- GESCHÉ, Adolphe. *O Cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2004.

REPAM. *Documento Preparatório “Amazônia Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral”*. Brasília: Comissão Episcopal para a Amazônia, 2018.

TADA, Cecília; MATA, Raimundo Possidônio C. (Org.). *Amazônia - Desafios e Perspectivas para a Missão*. São Paulo: Paulinas, 2005.